

CINCO EXCERTOS DE TAMANHOS VARIADOS

1

Faltavam duas horas para o ano novo e não se via viva alma na cidade, só os mândios, os cães sem dono e os tesos como eu. Arrastava-me pelo Largo da Misericórdia, de montra em montra de alfarrábio. Cismava em como havia de desviar alguns dos tomos expostos, e só por descargo dei uma espreitadela no Expresso, rezando por companhia. Nada. Tinham-me deixado sozinho.

Cravei ao sr. Carlos uma bifana e uma lourinha, bebi a fiado mais duas, e resignei-me a voltar para casa.

Curvei para o Trindade e ao passar na esquina da Opinião chama-me um polícia:

«É o senhor João de Deus?»

«E daí?»

«O senhor desculpe, como costumo vê-lo por aqui...»

«E aos pombos também...»

«Temos uma chatice e não temos mais ninguém para identificar... o morto.»

«‘Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los’.»

«Que diz?»

«Nada, disse-lhe eu acendendo o cigarro, pensava em Pessoa...»

«Que morto?»

«Um senhor que costuma estar nesta casa, com os senhores.»

«Aqui na Opinião?»

«Sim.»

Lá tive de acompanhá-lo à morgue. Não ia totalmente contrafeito.

O relato circunspecto daquele fim de ano sempre me daria para um mês de cravanços.

Entrei na sala frigorífica e havia um corpo coberto em cima de uma mesa de alumínio

«É este», indaguei.

«Não, o sr. Enfermeiro vai abrir a gaveta.»

O enfermeiro abriu a gaveta frigorífica e vi logo, enquistado em sarilhos, o Cabeça de Vaca.

«Estava a pedi-las...» – deixei cair, num encolher de ombros.

«O senhor confirma que o conhece?»

Apeteceu-me brincar

«Não sei, deixe-me ver este, a ver se não há engano.»

Num puxão puxei o lençol, para os pés do cadáver.

Senti um pontapé no esterno. À minha frente, nua, estava *Ofélia*, a *Ofélia* pintada por Sir John Everett Millais. De uma beleza que a aguarela da morte apenas intensificava e que agora me deixava a vida tão sedentária e vazia como os guindastes do porto. Fora uma infâmia a vida ter-se esquecido de me colocar na rota dela, pior a perspectiva de, aurora sobre aurora, entreabrir os olhos e não ser o guardião da morta. Eu seria para sempre o que *não nasceu para isso*. Não sei se me entende: não a queria ressuscitar, que para tal se me dissiparam os dons. Nem esconder a sua morte. No caso dela não era necessário: a sua imagem abria uma brecha na morte, sem ter de a iludir. Aquela resina fria que alastra sob a pele dos mortos e os enrijece como mármore, não ia ter efeito com ela, a luz que a sua pele emitia não mentia. Você sabe o que aconteceu ao Pessoa quando lhe abriram a túmulo para o trasladarem para os Jerónimos, cinquenta anos depois do falecimento? Estava inteiro. Teve de ser cortado às postas, como o bacalhau, para caber na urna que lhe fora reservada. Era o que lhe iria acontecer. Queria andar com ela, de cidade em cidade, para que vissem que a morte não é o fim, que não precisamos de fingir e que a beleza pode existir para além dela. E que o pecado só enodoa quem não colheu amoras, nu, à beira de um regato, enquanto por cima flauteiam os primeiros acordes do *Don Giovanni*.

Com dificuldade, gaguejei para o polícia

«Este é o meu morto.»

«O sr. João de Deus não está a compreender. Trouxemo-lo para identificar aquele outro senhor...»

«O idiota estava morto há muito, este cadáver está tão vivo que me deixa a mim... morto para sempre...»

O polícia tentava levar a coisa a bem.

«Diga-nos só como se chama aquele falecido.»

«Sei lá, não compreende, homem? Eu agora sei que morri, que não há nada depois disto...»

Enregelava dos pés à cabeça. Sabia que se a onda fria me chegasse ao coração eu encomendaria a alma aos pinguins. Era preciso reagir, e pus-me aos gritos com o polícia

«Saia... saia...»

Ele fitava-me, siderado. Insisti, firme

«O sr. Agente importa-se de sair?»

O polícia esboçou tirar o cassetete do cinto e eu antecipei-me, esmurrando-o. Aviei-o num instante, tinha aprendido tudo com o James Cagney, e pu-lo fora da sala frigorífica, mais ao enfermeiro, um medricas.

Depois fechei a porta por dentro e tive uns momentos de recolhimento diante da alameda de frésias que a contemplação do seu corpo se me abria; aquele anjo estava nimbedo por um brilho, uma harmonia que nunca mais entrevi. Estremeci, a pensar no que seria tal alma de olhos abertos.

Começaram a arrombar a porta. Tive de me decidir. Abocanhei-lhe o sexo, frio mas majestoso, e à dentada arranquei-lhe alguns pêlos púbicos, que depressa recolhi no bolso pequeno das moedas, antes de rebentarem com a porta e de me prenderem os movimentos.

Págs. 29-31

2

(que corresponde ao seguimento do anterior:)

Foram meses de pranto, os olhos secos para o mundo. Aquele anjo deixara-me pregado na ombreira do inferno. Não foi por passatempo que Pessoa escreveu, *Grandes são os desertos e tudo é deserto*. E ele só conheceu uma ténia chamada *Ofélia*, não esbarrou na legítima.

Felizmente que o João César faltava a quase todas as promessas que fazia, pelo que não iria precisar de mim tão depressa.

Errava de autocarro, sem destino, de uns para outros, o dia inteiro, como uma caligrafia que cospe em si mesmo até se esborratar. Não queria ser visto, voltar a fixar os olhos em mais ninguém.

Um dia, ou antes, no dia 1 de Maio de 1976, o autocarro, que subia a Joaquim António Aguiar, engasga-se na multidão que descia das Amoreiras para se juntar à grande manifestação dos trabalhadores que ia ter lugar, e dali não saiu. Desci, vi que para cima e para baixo era a mesma mole humana, densa como um mal-entendido, e no meu passo de sonâmbulo fui em frente, na direcção do Parque Eduardo VII.

Acabei por desembocar à entrada da Estufa Fria, que não visitava há anos. Estava fechado

(– o 1 de Maio ainda é feriado obrigatório, vai uma aposta em como em 2025 isso muda?) mas um dos guardas não escondeu o maço de cartas que tinha na mão e num impulso, o meu primeiro sinal de vida de há meses àquela data, perguntei se podia alinhar na jogatana. Lerpa. Jogo em que defenestrei muitos. Passadas duas horas trocava as lecas acumuladas – os gajos, baratinados incrédulos, mas era alinharem ou depositarem na minha mão um terço do ordenado. Antes o passeio do louco.

Serenou-me aquela luz coada de verde no meu corpo nu, o refrigério de alguns recantos, o transpirado silêncio da clorofila.

Acabei por adormecer, como Adão, deitado num banco à sombra de uma piteira gigante.

Seriam cinco da tarde quando me acordaram:

«Tens de te pirar, vamos mudar de turno.»

Desci pela rua de Santa Marta e no cruzamento com a Rua das Pretas vi que um afluyente da manifestação desviava sonâmbulo da Avenida e subia-a para virar à direita, enfiando-se pelas portas de Santo Antão. Era um grupo ordeiro de formigas no carreiro e intrigava-me a marcha compassada de silêncio, sobretudo porque vindos de um ruidoso metralhar de palavras-de-ordem.

Chegando ao edifício do Coliseu, a maioria punha um ar subitamente comprometido e, torcendo o pescoço à esquerda e à direita na busca de discrição e de uns gramas de invisibilidade, entrava numa porta barrada por um tecido vermelho. Acima das cabeças lucilavam uns tubos de néon vermelho e, em esmeralda, o nome da casa: Bar 25.

Entrei. A atmosfera era glauca e num pequeno balcão forrada a napa vermelha, ao canto esquerdo, compravam-se umas fichas que custavam vinte e cinco tostões. A ficha dava acesso a umas cabinas, donde, de vez em quando, saíam homens com o ar encantado

de terem sido vacinados contra a morte.

Perguntei ao tipo do balcão, apontando as cabinas

«O que é que temos aqui?»

«Um peep show.

Os homens saíam das cabinas num estado de enigmática gratificação. Não me ocorriam sarapitolas com tais efeitos, a não ser nas primícias, quando o corpo é ainda o continente negro que a catana desbrava. Ver para crer.

Finalmente vagou a minha cabina. Pus a ficha na ranhura e a porta abriu-se magicamente. A cabina estava forrada de alcatifa escura e tinha uma cadeira diante da janela de vidro. Sentei-me e fixei a cena, que me estarreceu.

Uma rapariga, enrolada num manto, de cabelo comprido e ondulado sobre os ombros e olhar plácido velava um bebé deitado sobre palhas, numa improvisada cama de cruzetas. O bebé dormia, mas de vez em quando agitava as pernas como se no sonho fugisse da rebentação da água na praia. A dado momento, ela fitava fixamente o vidro e, tal e qual a ventosa de um polvo, palpava o nosso olhar. Literalmente. Irradiava uma paz que descia

pelo tronco e nos fazia arfar. Então, num recato, lentamente, subia o manto sobre a cabeça. Misteriosamente, senti-me acochado por um espasmo. Assustei-me quando atrás de mim, na cabina vazia, ouvi mugir uma vaca e senti o hálito quente de um burro. Saí da cabina confundidíssimo, mas nimbado por uma sensação de perdão.

Págs 32-34

3

Para atravessar o Deserto da Núbia, de Porto Sudão a Wadi Halfa, trilham-se vinte e quatro horas de deserto, em jipe, e paga-se escolta à tribo cujos domínios invadimos. A escolta garante não sermos endiabradamente sodomizados pela própria tribo, o mais é contingente.

A meio do percurso, o guia-motorista despeja-nos no seu acampamento. Não adianta, face à moirama, pensar que tal avilta a ascendência avoenga. É do protocolo partilhar um chazinho.

Descalçamo-nos à entrada da tenda do sheik e um soluço impele-nos a entrar. Lá dentro, sentados em tapetes, de pernas cruzadas, ao lado das suas kalashnikovs e lâminas imigas, encaram-nos os figurões da tribo. Têm uns olhos coriáceos e dentes esverdinados pelo *qat*, uma erva que chega do Iémen e que mascam com muita unção.

O chá é bebericado em silêncio, sílaba a sílaba, entreolhando a boa disposição dos anfitriões, que sorvem o líquido e estalam a língua e nos dirigem comentários que

provocam o gáudio entre os seus. Só falam árabe. Nada de ocioso tempera aquele riso fibroso como o músculo na cobra, e que nos penetra, inciso. Riem com gosto, à nossa frente. De nós. O palonço procura um ponto de equilíbrio, uma espontaneidade que *o não denuncie* enquanto

esboça um breve esgar. Não há a menor reciprocidade – um panarício que nos confirme como semelhantes –, e instaura-se esse «quê?» que conflui no crime ou na comunicação, é aleatório, dependendo se chega eclipse ou se o cu do lobo se mantém limpo.

Uma hora depois duma tão apaziguadora infusão tinha a bexiga como se oito camelos carregasse e pedi ao guia stop. Subi a uma pequena duna e na encosta descendente aliviei-me. Abotoava a braguilha e reparo que ao lado do meu pé esquerdo, encostadinho ao mindinho, semienterrado na areia, se desenha um pente. Um pente de osso. Havia um montículo na base. Escavo.

Uma mão. Pelas pinturas, era de mulher.

Não sei, e quem o sabe? Estava eu preparado para *saber demais?*

Que a terra lhe fosse fofa. Engoli em seco, retomei pelo sulco das minhas pegadas, entrei no jipe, considerei a considerável distância do acampamento, e calei. O meu pastel de nata era de antevéspera, mas quando arde a pousada... Observei de viés o motorista, as suas sobrancelhas de palmeira fosca, não fazia parte da sua vocação natural suspender a dúvida.

Nessa vertigem, senti: a vida humana vale menos do que a de um cachorro e senti-me a *perder a linguagem*. O que faço eu aqui? Ou porque estou aqui? Vai um *burrié*? Nada disso interessa: a vida é uma piada que não gosta das rugas que tem, não gosta de oxidar. E só por isso inventamos a memória. Talvez possamos decidir esquecer, ou escolher a memória. Só não está ao nosso alcance escolher o momento em que se opera essa opção – a chave de ignição, *voilà*, não nos pertence.

Ao contrário do João César, nunca tinha escrito um poema – para quê, já viu nalgum esqueleto unhas para aparar? Mas aí saiu-me um terceto: “O homem - e o manto de areias/ onde amanhece o corpo/ robora-o – não é Posta Restante”.

Págs 90/91

Passemos por cima dos agravos, agrafemos em página nova o quanto me alegrei por chegar a Wadi Halfa, aos seus escalavrados alpendres, aos renques de palmeiras e camelos, à sua

exuberância de estafermos & mirra. Ah, e o corrimento do Nilo, ainda alentado naquele troço... Tudo aquilo me lembrava (se fosse possível) uma arqueológica cidade do Texas, só faltava o *saloon*. Bem, e as mulheres obedeciam a um recato enervante, para quem tinha lido as *Mil e Uma Noites*.

Mas, necessito, agora, de com um discurso de água doce lavar os meus ouvidos, como que de água salgada. Se não reparou, o precedente é de Platão.

Segui um cão, não era habitual em mim, repito, não me é habitual ver um cão e transformá-lo imediatamente em coadjuvante, mas aquele São Bernardo trazia-me lembranças de minha

mãe, e, reparando que coxeava, o que só duplicaria o seu sofrimento naquele clima, segui-o.

Dez minutos volvidos, mete-se num quintal, onde, à beira de uma piscina insuflável, esturricava uma alsaciana. Quis oferecer-me «une soupe aux escargots». Poupei-a. Chamava-se o canídeo *La Plume*.

Aterrara ali tal cidadã fronteiriça por razões do coração, um alemão assessor numa firma de derivados de petróleo. Ou melhor, *estivera* ali por tal, o amado defuntara e, via-se pela alacridade que a tomou quando me viu chegar, há muito que nela a copulativa 'e' não lubrificava. Entretanto, alegava, habituara-se a uma vida de rápida e fácil consulta, e repelia a ideia de voltar a uma terra onde tudo lhe parecia uma fotocópia (referia-se à neve?). Dizia:

«Ao menos, a matéria do deserto desfaz-se em singulares...»

Fui muito sensível a tal argumento, abrimos uma garrafa de vinho e falámos de Estrasburgo, dos seus melífluos violinos e de como tange o arco na rota dos seios.

Infelizmente, ela estava ali para ficar.

Pag. 92

5

A meio de um jogo de xadrez com Violante, à luz de velas de âmbar cinzento, tentei distraí-la da plausibilidade de me meter em xeque-mate recitando-lhe dois sonetos picantes do folião do Bocage, o que a fez reagir negativamente.

«Siga-me!», pediu ela.

Caminhava sem hesitação, como se visse com os pés. Eu seguia-a em silêncio, ainda penalizado por a ter ofendido.

A casa era mais comprida do que eu imaginava. Desembocámos num pátio, aí, à beira de uma bela fonte no meio do pátio, as raparigas bebiam vinho e entregavam-se ao devaneio. Violante segredou-lhes algo. E então, para surpresa minha, desnudou-se e saltou para o meio da fonte. Lavou-se por baixo dos seios, entre as coxas e no interior do umbigo. Depois apressou-se a sair da fonte, sentou-se nua nos meus joelhos e, apontando para a fenda,

perguntou:

«Senhor da Lua, que coisa é esta?»

«O teu útero...» – respondi eu.

«Ora, ora, não tendes vergonha...» – replicou Xerazade, dando-me uma palmada no pescoço.

«A tua vulva...» – disse eu, e Dulcineia beliscou-me, gritando:

«Ah, essa é uma palavra muito feia...»

E continuaram assim, uma batendo-me, outra dando-me murros, outra bofetadas, até eu compreender que um homem não pode nomear correctamente o que uma mulher tem entre as pernas. A tortura só acaba quando o homem confessa a sua ignorância em matérias de órgãos genitais femininos. Para elas era absurdo um homem ousar designar o que apenas uma mulher pode controlar – o seu sexo.

«Mas, senhoras, em morangos com natas, convém a colher ser de prata?» – perguntei a medo.

A pergunta abriu-me as portas dos respectivos leitos. Desconheço como será fazer amor com uma gaga, mas o poder de explosão de uma cega purifica o mais escrupuloso.

Pág. 132